

Espectáculo Coreográfico /
Vídeo-Performance / Documentário
4, 5 Novembro 2011
Integrado no Festival Temps d'Images

histoire(s) história(s) de Olga de Soto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Conceito, direcção e coreografia Olga de Soto **Criado com** Vincent Druguet e Olga de Soto
Intérpretes Cyril Accorsi e Olga de Soto **Realização vídeo, câmara e som** Olga de Soto
Com os testemunhos de (por ordem de aparição) Micheline Hesse, Suzanne Batbedat, Robert Genin, Brigitte Evellin, Julien Pley, Françoise Olivaux, Olivier Merlin e Frédéric Stern
Montagem vídeo Montxo de Soto e Olga de Soto **Música (por ordem de aparição)** Johann Sebastian Bach (obras para piano): *Sarabanda* da suite inglesa nº 2 BWV 807, *Sarabanda* da suite inglesa nº 5 BWV 810, *Passacaglia* em Dó Menor BWV 852 (transcrição para piano), interpretadas ao piano por Ângela Hewitt (CDA67309 & CDA67451/2 Hyperion Records Ltd London) **Cenografia** Thibault Vancraenenbroeck
Desenho de luz Henri-Emmanuel Doublier **Operação de luzes** Geni Diez **Operação de som** Pierre Gufflet
Operação vídeo, direcção de cena Bram Moriau **Direcção técnica** Christophe Gualde **Co-produção** NIELS, Kunstenfestivaldesarts, Bruxelas, Centre National de la Danse – Pantin
Com o apoio de COM4 HD – Madrid, Ministère de la Communauté française – Secteur danse, Wallonie-Bruxelles International (WBI) **Difusão** Caravan Production, Bruxelas
Agradecimentos Catherine Alvès, Odette Aslan, Michèle Bargues, Suzanne Batbedat, Pierre Caizergues, Jean-Jacques Chabut, Sybille Cornet, Cécile Coutin e Simone Drouin (Département des Arts du Spectacle de la Bibliothèque de l’Arsenal – Paris), Eugénie De Mey, François Deppe, Ramón de Soto, Eliane Dheygere, Brigitte Evellin, Dominique Frétard, Robert Genin, Carlos González, Pierre Gufflet, Manuela Gutiérrez, Micheline Hesse, Colin Legras, Francis Lepigeon, Olivier Merlin, Nadine vzw – Bruxelles, Stéphane Noël, Françoise Olivaux, Jean Robin, Frédéric Stern, Superamas, Théâtre de la Balsamine, Michel Troadec, Georges Alexander Van Dam, Gaëtan van den Berg, Marie-Christine Vernay e Christophe Wavelet.
 E muito especialmente a Marc Bouteiller, Nathalie Collantès, Hyperion Records Ltd, Olivier Hespel, Jorge León, Manuela Gutiérrez, Luis Sanz, Olivier Tiremarche, Grégoire Romefort e a Antón.

Olga de Soto é coreógrafa convencionada pelo Ministère da la Communauté française Wallonie-Bruxels. Actualmente é coreógrafa em residência artística nas Halles de Schaerbeck, em Bruxelas, e em residência administrativa na La Raffinerie – Centre Chorégraphique de la Communauté française de Belgique, em Bruxelas.

Na sexta-feira 4 de Novembro, após o espectáculo, haverá uma conversa com a coreógrafa Olga de Soto na Sala 1.

Sex 4, Sáb 5 de Novembro
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h15 · M12
Falado em francês, com legendas em português



histoire(s) é uma obra de análise cujo ponto de partida é o espectáculo *Le Jeune Homme et la Mort* de Roland Petit. Esta peça, iniciada no âmbito do projecto “Homenagens”, da programação da Culturgest, em Junho de 2003, foi estreada em Maio de 2004 no Kunstenfestivaldesarts, em Bruxelas.

Quais são os traços que impregnam ainda a memória de um público, muito tempo depois de ter desaparecido o espectáculo de que foi testemunha numa noite? Olga de Soto, coreógrafa, vai à procura dos espectadores presentes, no dia 25 de Junho de 1946, no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, na estreia de um bailado mítico, criado sobre argumento de Jean Cocteau. Entrevista-os. As memórias e emoções deles ressurgem: o espectáculo renasce à luz dos olhares que então o tinham absorvido na obscuridade. A coreógrafa compõe com essas memórias um rasto subjectivo que reenvia para os ecrãs colocados no palco do teatro, lugar original do espectáculo.

Diário de bordo (excertos)

Lisboa, 17 de Setembro de 2002
Cara Olga,
Todos os anos, a Culturgest organiza uma homenagem a um artista diferente (Martha Graham, José Limón, Josephine Baker, Merce Cunningham, etc.). (...) É com prazer que a convidamos a apresentar no nosso teatro uma Homenagem a Le Jeune Homme et la Mort, de Jean Cocteau, cujas apresentações teriam lugar em Junho de 2003.
António Pinto Ribeiro
Culturgest

Este projecto nasceu deste convite. *Le Jeune Homme et la Mort* foi estreado no dia 25 de Junho de 1946 no Théâtre des Champs Elysées.

Le Jeune Homme et la Mort na minha cabeça, em Setembro de 2002: Algumas imagens vagas dum filme a preto e branco. Jean Babilée, um bailarino extraordinário. Recordação marcada pelos seus movimentos pungentes, o seu rosto sombrio contraído, ferido, com uma expressão “exagerada”. Uma coreografia de Roland Petit. Um homem sentado numa cadeira com a cara enterrada nas mãos. Claire Sombert, a fazer de rapariga fatal, a preto e branco. Recordação também de um homem que se enforca e de uma mulher com uma máscara horrível de morte. Preto e branco. As sacudidelas das pernas, dos pés, dos braços, do corpo suspenso do enforcado.

A primeira cena do filme *Soleil de Nuit*. Cores intensas. Mikhail Baryshnikov, ágil, enérgico, surpreendente; grande plano do interior do seu corpo desesperado. As suas piruetas sobre o bordo de uma mesa, os seus equilíbrios sobre uma cadeira em desequilíbrio. Quedas, saltos... As quedas lentas e suspensas de Jean Babilée. (...) Uma mulher de rosto duro e fechado, com cabelo negro e esticado. ... Não sei se Claire Sombert era a outra intérprete deste duo aquando da sua estreia, em 46. Algumas referências curtas lidas em livros de história da dança... Tudo isto me parece longe de mim, distante no tempo, difícil.

Setembro - Outubro de 2002

Que proposta estranha! Porquê eu? Uma homenagem. Uma homenagem? O que é prestar homenagem? Como prestar homenagem a este espectáculo que realmente nunca vi? Terei vontade de lhe prestar homenagem? Porque não prestar homenagem à *Mesa Verde*, ou ao *Café Müller*, ou a tantos outros (espectáculos)? Ir ao teatro. Ver espectáculos, com outros, anónimos. Quem pode falar disto? Quem viu? Quem se recorda?

Outubro de 2002

Penso nas pessoas que estavam no teatro em 1946, no público, nos que foram marcados, tocados, por este

espectáculo. Ponho-me a especular sobre as memórias que poderiam ainda ter, que teriam guardado do argumento, das personagens, dos intérpretes, da coreografia, do cenário. Penso também nas pessoas que participaram na estreia. Penso no jovem e penso na morte. O que poderia restar de tudo isto na cabeça de uns e outros? 1946. Há quase 57 anos, em breve 58. O que é que me fica, a mim, de um espectáculo qualquer, escolhido ao calhas? E dum espectáculo que me marcou a sério? O que é a arte dita ‘viva’? Em que é que eu trabalho? Porquê? O que resta de uma obra quando as pessoas que a viram e as pessoas que a fizeram já não estão cá para se recordarem, para falarem dela e a fazerem viver nas suas cabeças e nas cabeças dos outros? Algumas linhas num livro...

22 de Outubro de 2002

Decido aceitar o convite, como desafio, e ir à procura de espectadores que tenham estado presentes no teatro em 1946, para os encontrar e entrevistar. Não lhes dizer nada sobre o espectáculo, a não ser depois de terminada a entrevista. Tentar fazer emergir recordações, imagens, sensações, sentimentos, mas não desvendar nada.

Dezembro de 2002

Começo um inquérito. Procuro um libreto que não existe.

Janeiro de 2003

Procuro os nomes de eventuais espectadores (...).

Fevereiro de 2003

(...) Faço listas, sem saber necessariamente quem poderá ainda estar vivo. Procuro biografias e as minhas listas tornam-se listas de mortos. (...) Procuro moradas, um endereço, um número de telefone... (...) Gostava de encontrar simplesmente espectadores “verdadeiros”, quer dizer, pessoas que não fizessem parte do meio artístico da época, pessoas anónimas que tivessem estado no teatro. (...)

Março de 2003

Excerto da carta enviada ao senhor Jean Babilée, a 24 de Março de 2003: *A questão motriz deste projecto é: como visitar uma obra de referência da história da dança, entendida a dança como arte viva? Pareceu-me interessante abordar a questão da memória das pessoas que assistiram à estreia desta obra no Théâtre des Champs Elysées, e das pessoas que estiveram ligadas à própria criação. Nasci noutra época, portanto não vi este espectáculo quando foi estreado. Tive acesso a alguns documentos que registam traços, mas não o vi dançar a si, nem à Nathalie Philippart, ao vivo, não vivi esse momento único, nesse contexto único, nesse teatro, um pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, no contexto de sofrimento que todas as guerras engendram. Como abordar esta questão, se não for tentando visitar a memória das pessoas que partilharam esse momento, que se sentiram interpeladas, tocadas, emocionadas, marcadas por ele, por si, transmitindo aquilo que guardaram dentro delas próprias. (...)*

Anúncio publicado no “Caderno do Dia” do jornal *Le Figaro* de 26 e de 29 de Março de 2003, e no “Procura-se” do Caderno do Jornal *Le Monde* de 16 de Abril de 2003:

A coreógrafa Olga de Soto procura espectadores que tenham assistido à estreia de Le Jeune Homme et la Mort, de Cocteau, no Théâtre des Champs Elysées, em Junho de 1946, para recolher testemunhos. Informações: M. Druguet.

26 de Março

Uma pessoa respondeu ao anúncio. Vai escrever-nos uma carta. Mora em Nantes.

27 de Março

Telefonou uma segunda pessoa. É um senhor que mora no Morbihan.

29 de Março

Telefonaram três pessoas. A primeira mora em Lyon, a segunda em Tourette-sur-Loup e a terceira em Cannes, mas não deixou o nome.

30 de Março

Um senhor de Boulogne telefonou hoje.

31 de Março

Telefonaram três pessoas, duas moram em Paris e a terceira em Bordéus. Um total de nove pessoas.

Abril de 2003

O libreto no fundo não é mais do que algumas linhas escritas por Jean Cocteau no programa do espectáculo. Encontro e endereço de Jean Babilée graças à internet. (...) Em poucas

semanas encontro-me com Jean Babilée a Madame Evellin, o senhor Stern e o senhor Merlin. Encontro-me com a Madame Hesse e com o senhor Genin. Não conseguirei encontrar-me com toda a gente antes de Junho. Não tenho dinheiro que chegue, nem tempo, nem para o fazer nem para incluir todos os testemunhos na duração que me foi dada: 20 minutos. Decido dividir o projecto em etapas, e fazê-lo seguir a evolução dos meus encontros. Dedico-me aos espectadores que moram no norte da França. Deixo os do Sul para o inverno, com o isco de que alguns já cá não estejam.

Abril – Maio de 2003

Transcrevo as entrevistas: horas de palavras. Trabalho no computador. É a dança dos dedos. Dou cores às frases. Fixo objectivos, uma direcção no interior das frases que selecciono, que junto às outras. No papel as pessoas começam a responder umas às outras. E além disso o meu irmão chega, o rei da montagem, e as imagens dos espectadores com quem me encontrei, encontra-se por sua vez. (Os entrevistados) tornam-se actores.

Abril – Junho de 2003

Para começar, uma história curta contada por Jean Cocteau a Roland Petit, Wakhevitch, Karinska, Jean Babilée e Nathalie Philippart. Cocteau morreu em 1963. Roland Petit é impossível de encontrar. Georges Wakhevitch morreu em 1984. Karinska morreu em 1983. Jean Babilée está em plena forma. Nathalie Philippart é muito difícil de descobrir, muito difícil marcar encontro com ela.

Boris Kochno, na altura director do Ballets des Champs Elysées, morreu em 1990.

Jean Robin, administrador da companhia na época. Também em plena forma. Vincent junta-se a nós em Bruxelas. (...) Começamos a trabalhar no estúdio. Decido dedicar-me à primeira das quatro partes que gostaria de planejar: a da descrição do espectáculo, a história que ele conta.

Junho de 2003

Lisboa, primeiro esboço. Primeira etapa.

Verão de 2003

Questões sobre os diferentes sentidos da palavra história.

Abril – Agosto de 2003

Não consigo deixar de procurar outros espectadores. Gostaria de continuar o projecto, mas, como sempre, faltam os meios.

Novembro de 2003

Encontro-me com Frie Leysen e Christophe Slagmuylder em Bruxelas e mostro-lhes a primeira versão da narrativa, a de Lisboa. Eles mostram-se muito tocados pelo material e com o que eu quero desenvolver: propõem-me que finalize a pesquisa para o próximo Kunstenfestivaldesarts, em Maio de 2004. Recomeço. Novos telefonemas, novos encontros, mais palavras. Descubro algumas grandes bailarinas da época, também elas espectadoras presentes no teatro em 1946; mas não chego a encontrar-me com elas. Procuro no sul, Lyon, e depois de novo em Paris. O tempo esgotou-se. Retomo o contacto com a senhora de Cannes,



© Dolores Marat

que tinha respondido ao meu anúncio em Março passado, mas ela já não se lembra nem do anúncio nem da nossa breve correspondência, nem do *Le Jeune Homme et la Mort*.

Dezembro de 2003 – Março de 2004

Ressurgiram outros rostos do passado e continuei a gravar outros testemunhos. São hoje nove os que mergulharam nas suas recordações do *Le Jeune Homme et la Mort* e que exumaram, cerca de 60 anos depois, a marca que deixou neles esse espectáculo criado no final da guerra. A memória é subjectiva, tem os seus buracos de esquecimento e as suas lombas límpidas, os seus acidentes, as suas hesitações mas também, por vezes, recursos extraordinários escondidos. *histoire(s)* dá a ouvir vozes e narrativas que o tempo fracturou.

Le Jeune Homme et la Mort está neles, acompanhou-os durante boa parte do caminho. Eram jovens, alguns mesmo muito jovens, hoje são velhos e têm rugas. Encontrei-me com eles nas suas casas, tentei dedicar tempo a ouvi-los, olhá-los, esperar. E, por vezes, uma recordação desenhava-lhes no rosto um olhar de criança. O que resta, ou uma parte do que resta, está ali, nos seus rostos. Continuo a imaginar uma montagem fílmica, como uma coreografia, em que os materiais principais são as palavras, as intenções, as entoações. As emoções que reemergem são outros tantos contrapontos e olhares inicialmente difractados sobre um mesmo assunto. Onde me conduzem? Por vezes para longe do tema inicial. Por vezes para muito perto. Sei que fui uma espécie de catalisador e quero continuar a sê-lo.

Durante a montagem as minhas questões são múltiplas. Complexas. Têm que ver com as pessoas, as suas palavras, as suas memórias. Como distribuir estas vozes da forma justa? Como ser correcta no tempo e na articulação? Como dar um ritmo ao espectáculo sem atraiçoar os ritmos delas? Como organizar um movimento ancorado na história comum – a memória colectiva – e que navega ao sabor das recordações individuais – as suas histórias?

© Olga de Soto, 2004

Olga de Soto

Coreógrafa e intérprete. Nascida em Espanha, depois de estudos de dança clássica, dança contemporânea e música no seu país natal, concluiu a sua formação na prestigiada escola do Centre National de Danse Contemporaine d'Angers, à época dirigido por Michel Reilhac. Depois de ter trabalhado com os coreógrafos Michèle-Anne De Mey, Pierre Droulers e Félix Ruckert, entre outros, desenvolve a partir de 1992, em Bruxelas, onde reside, uma actividade de pesquisa coreográfica, uma parte da qual realizada em diálogo com o estudo de obras musicais de compositores contemporâneos, como Salvatore Sciarrino, Michael Jarrell, Kaija Saariaho, Stefano Scodanibbio, Frederic Rzewski, Denis Pousseur...

O seu trabalho de criação inicia-se com o solo *Patios*, logo seguido de outras peças, nomeadamente *I believe that I act...* (solo, 1993), o programa de peças curtas *Paumes* – composto por *Murmures* (solo, 1997), *Winnsboro Cotton Mill Blues* (dueto, 1996), *Strumentale* (dueto, 1997) e *Seuls bruits des corps entre eux* (dueto, 1997) –, *anarborescences* (1999), *Par une main ou par le vent mais l'air est immobile* (solo, 1999), *Éclats mats* (quarteto, 2001), *INCORPORER* (solo acompanhado#1, 2004), *histoire(s)* (video-performance/documentário, 2004), *INCORPORER ce qui reste* (solo acompanhado#2, 2006), *INCORPORER ce qui reste ici au coeur* (solo acompanhado#3), *INCORPORER ce qui reste ici au dans mon coeur* (solo acompanhado#4, 2009), *Sous-clé* (instalação-performance, 2010), *Une Introduction* (2010)...

Paralelamente ao seu próprio trabalho de criação, Olga de Soto colaborou com outros criadores como Meg Stuart (em *Crash Landing*), Boris Charmatz (intérprete em *Con forts fleuve*), e Jérôme Bel (intérprete e assistente em *The Show Must Go On*).

Actualmente, Olga de Soto é coreógrafa em residência artística nas Halles de Schaerbeek, em Bruxelas, e em residência administrativa em Charleroi/Danses – Centre Chorégraphique de la Communauté française, em Bruxelas.



Culturgest, Espaço CarbonoZero*

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Próximo espectáculo

Sur les traces de 'La Table Verte'. Une Introduction

Na pista de 'A mesa verde'. Uma Introdução

por Olga de Soto

Integrado no Festival Temps d'Images

Conferência/ Performance Ter 8, Qua 9 de Novembro Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h10 · M12



© Grégoire Romefort

Olga de Soto, que podemos considerar precursora de um movimento de pesquisa e recuperação da memória da dança do século XX, que hoje tem cada vez mais força entre os criadores e intérpretes da dança contemporânea europeia, está actualmente a desenvolver um trabalho de pesquisa sobre *A mesa verde*, bailado mítico de Kurt Jooss em que podemos ler uma antevisão do fascismo e da guerra, e que estreou no Théâtre des Champs Elysées em Julho de 1932 – no mesmo teatro parisiense em que, em 1946, estreou *Le Jeune Homme et la Mort*, ponto de partida do espectáculo anterior, *histoire(s)* – escassos meses antes da ascensão de Hitler ao poder.

Com *Une introduction*, Olga de Soto apresenta a primeira de duas partes que compõem este projecto, de que a Culturgest é co-produtora. Um momento de abertura e de proximidade, de parti-

lha com os espectadores do processo de criação e de documentação. A revelação de um processo de trabalho complexo, pontuado por questões e desenvolvimentos, pistas desenhadas e percorridas num processo de documentação que se assemelha a um verdadeiro inquérito. Descobertas inesperadas, respigadas ao longo de um trabalho dramático intenso sobre uma memória colectiva tocante.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
